



## LUDICIDADE E ANCESTRALIDADE: EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA INFÂNCIA

### PLAYFULNESS AND ANCESTRALITY: UNIVERSITY OUTREACH EXPERIENCES IN AFRO-BRAZILIAN CULTURE IN CHILDHOOD

### LUDICIDAD Y ANCESTRALIDAD: EXPERIENCIAS DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA EN CULTURA AFROBRASILEÑA EN LA INFANCIA

Anatalia Oliveira de Souza<sup>1</sup>

Monalysa Pinto da Silva<sup>2</sup>

Marilete Calegari Cardoso<sup>3</sup>

**Resumo:** Este estudo reflete sobre o lúdico e o brincar como práticas de valorização da cultura afro-brasileira na infância. Relata experiências desenvolvidas em oficinas extensionistas intituladas “Memórias do Brincar: Saberes Afro-Brasileiros na Infância” e “Cores, Corpo, Ritmo e Memória”, realizadas com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental durante a XXI Semana da Educação da Pertença Afro-Brasileira, em Jequié, Bahia, Brasil. A metodologia fundamentou-se na compreensão do brincar como linguagem legítima da infância e como meio de construção de pertencimento, memória e identidade cultural. As atividades foram desenvolvidas por meio de práticas lúdicas e participativas, incluindo músicas afro-brasileiras, rodas de conversa, contação de histórias afrocentradas e brincadeiras de matriz africana, mediadas pelo diálogo e pela escuta sensível. Os resultados demonstram que as oficinas favoreceram o reconhecimento de saberes ancestrais, o fortalecimento de vínculos coletivos e a ampliação do repertório cultural das crianças, promovendo identificação positiva com a cultura afro-brasileira. Observou-se que o lúdico e o brincar, quando mediados de forma intencional e culturalmente situada, favorecem a expressão infantil, a construção de memórias compartilhadas e o sentimento de pertencimento. Conclui-se que ações extensionistas dessa natureza contribuem para práticas educativas antirracistas e para o fortalecimento da relação entre universidade e comunidade.

**Palavras-chave:** Brincar. Cultura afro-brasileira. Infância.

**Abstract:** *This study reflects on playfulness and play as practices for valuing Afro-Brazilian culture in childhood. It reports experiences developed through outreach workshops entitled*

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, pelo Programa de Pós- Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Graduada em Pedagogia. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0291-714X> E-mail: [oliveiraanatalia356@gmail.com](mailto:oliveiraanatalia356@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Educação, pelo Programa de Pós- Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Graduada em Pedagogia. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2919-9998> E-mail: [smonalysa.05@gmail.com](mailto:smonalysa.05@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4088-8249> E-mail: [marilete.cardoso@uesb.edu.br](mailto:marilete.cardoso@uesb.edu.br)

*“Memories of Play: Afro-Brazilian Knowledge in Childhood” and “Colors, Body, Rhythm, and Memory,” conducted with children in the early years of Elementary School during the 21st Week of Education for Afro-Brazilian Belonging, in Jequié, Bahia, Brazil. The methodology was grounded in the understanding of play as a legitimate language of childhood and as a means of constructing belonging, memory, and cultural identity. The activities were based on playful and participatory approaches, including Afro-Brazilian music, conversation circles, Afro-centered storytelling, and games of African origin, mediated through dialogue and attentive listening. The results demonstrate that the workshops fostered recognition of ancestral knowledge, strengthened collective bonds, and expanded the children’s cultural repertoire, promoting positive identification with Afro-Brazilian culture. Such outreach initiatives contribute to anti-racist educational practices and strengthen the relationship between university and community.*

**Keywords:** Play. Afro-Brazilian culture. Childhood.

**Resumen:** Este estudio reflexiona sobre la ludicidad y el juego como prácticas de valorización de la cultura afrobrasileña en la infancia. Presenta experiencias desarrolladas en talleres de extensión universitaria titulados “Memorias del Juego: Saberes Afrobrasileños en la Infancia” y “Colores, Cuerpo, Ritmo y Memoria”, realizados con niños y niñas de los primeros años de la Educación Primaria durante la XXI Semana de la Educación de la Pertenencia Afrobrasileña, en Jequié, Bahía, Brasil. La metodología se fundamentó en la comprensión del juego como lenguaje legítimo de la infancia y como medio de construcción de pertenencia, memoria e identidad cultural. Las actividades se desarrollaron mediante prácticas lúdicas y participativas que incluyeron música afrobrasileña, círculos de diálogo, narraciones afrocentradas y juegos de matriz africana, mediadas por el diálogo y la escucha atenta. Los resultados evidencian que los talleres favorecieron el reconocimiento de saberes ancestrales, el fortalecimiento de vínculos colectivos y la ampliación del repertorio cultural infantil, promoviendo una identificación positiva con la cultura afrobrasileña. Estas iniciativas contribuyen a prácticas educativas antirracistas y al fortalecimiento del vínculo entre universidad y comunidad.

**Palabras clave:** Juego. Cultura afrobrasileña. Infancia.

## Introdução

A infância constitui um tempo fundamental de construção de subjetividades e sentidos, dessa forma, caracteriza-se como um momento propício para construções tanto positivas quanto negativas, a depender das experiências vivenciadas, especialmente no que se refere ao pertencimento social e cultural.



Nesse período, as crianças elaboram suas primeiras percepções sobre si mesmas e também sobre o meio que as rodeia, mediadas pelas experiências vividas nos espaços educativos, familiares e comunitários, a partir das interações construídas com seus pares, adultos, influências digitais e midiáticas e do próprio brincar. Considerando esse contexto, o brincar apresenta-se como uma linguagem da infância, por meio da qual as crianças expressam sentimentos, constroem memórias e produzem cultura, manifestando-se e recebendo informações, uma relação de mão dupla e de influência mútua.

Nessa perspectiva, podemos considerar o brincar como prática social e cultural, e reconhecer que ele não se limita a uma atividade meramente recreativa, mas configura-se como um potente dispositivo de aprendizagem, expressão e potencializador ou inibidor da resistência cultural e étnica. Assim, brincadeiras, jogos, cantigas, narrativas/histórias e até mesmo a própria imagem que o sujeito tem de si, e dentro do nosso contexto a própria criança, carregam marcas históricas, simbólicas e identitárias, sendo perpassadas por saberes ancestrais que, muitas vezes, permanecem invisibilizados ou desvalorizados nos contextos educativos formais e sociais, especialmente quando vinculados às culturas afro-brasileiras.

No Brasil, a herança africana está profundamente inscrita nas manifestações culturais, nos modos de brincar, de narrar histórias, de cantar e de se relacionar coletivamente. No entanto, apesar dos avanços legais e normativos, como as Leis nº 10.639/2003 (Brasil, 2003) e nº 11.645/2008 (Brasil, 2008), que orientam o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, ainda se observa a marginalização desses saberes no cotidiano escolar. Tal cenário evidencia a necessidade de práticas pedagógicas que tensionam o racismo estrutural e promovam a valorização da diversidade étnico-racial desde a infância.

Nessa perspectiva, Nilma Lino Gomes (2017) contribui para compreender a educação como um campo de disputas simbólicas, no qual se confrontam projetos de sociedade, concepções de humanidade e formas de reconhecimento cultural. Ao discutir o movimento negro como produtor de saberes, a autora evidencia que os conhecimentos construídos nas lutas por emancipação também devem ocupar lugar central nas práticas educativas, rompendo com a lógica de invisibilização histórica da cultura negra.



Ao transpor essa compreensão para o campo da infância, torna-se fundamental reconhecer que as crianças, desde muito cedo, participam de processos de construção identitária mediados pelas experiências culturais que vivenciam. Assim, práticas pedagógicas que valorizam o brincar, o lúdico, o corpo, a memória e as narrativas afro-brasileiras constituem-se como estratégias potentes de afirmação identitária e de enfrentamento ao racismo estrutural, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seus pertencimentos. Em outras palavras trata-se de uma experiência vivida de forma global e concreta, que aposta em um “paradigma estético” capaz de evocar o espírito de vibrar e sentir em comum, tendo as emoções como vetor social (Cardoso, Rocha, Silva, 2025).

Nesse sentido, a extensão universitária, através de seus eventos, projetos, ações e oficinas, assume um papel central ao possibilitar o diálogo entre universidade e comunidade, articulando ensino, pesquisa e ação social. Enquanto práxis educativa, essas ações permitem que saberes acadêmicos e saberes populares se encontrem e se conectem, produzindo experiências formativas comprometidas com a afirmação de direitos. Assim, para a valorização da cultura afro-brasileira, por meio de práticas que se apresentam, assim, como estratégias potentes de construção de pertencimento, memória e reconhecimento.

Partindo desse cenário, o presente relato de experiência tem como objetivo refletir sobre duas oficinas desenvolvidas em novembro de 2025, no contexto da XXI Semana da Educação da Pertença Afro-Brasileira, realizada no município de Jequié, Bahia, que tiveram como eixo central o lúdico e o brincar como práticas de valorização da cultura afro-brasileira na infância. As oficinas buscaram resgatar memórias do brincar, promover o contato das crianças com brincadeiras de matriz africana, narrativas afrocentradas e símbolos culturais, criando espaços de escuta, partilha e reconhecimento cultural.

Ao narrar essa experiência, pretendemos evidenciar como o brincar, enquanto linguagem da infância, pode contribuir para a construção de identidades positivas, para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para a promoção de práticas educativas antirracistas.



## O brincar como linguagem cultural e a prática educativa antirracista

Defendemos, aqui, que o brincar é uma linguagem própria da infância, por meio da qual as crianças se expressam, constroem sentidos e experiências, realizam trocas e produzem cultura. Trata-se de uma vivência capaz de orientar a construção de um “filtro” para o olhar da criança, influenciando a forma como ela passa a perceber o mundo, a si mesma e ao outro. A partir dessas experiências, a criança elabora, idealiza e internaliza referências sobre o que lhe é apresentado como certo ou errado, bom ou ruim, aceito e não aceito, belo ou feio, entre outras dimensões valorativas.

Assim, o brincar assume uma dimensão social, histórica e simbólica, atravessada por valores, saberes e memórias coletivas. Nessa perspectiva, brincar é também um ato político, na medida em que revela modos de existir, de se relacionar e de resistir às normatizações impostas aos corpos e às infâncias.

Kishimoto (2011) destaca que as brincadeiras carregam marcas culturais e atuam como formas de transmissão de saberes entre gerações. Sendo assim, ao brincar, as crianças se apropriam de elementos do mundo social e cultural, ressignificando-os a partir de suas experiências e fazendo disso uma nova experiência, o que pode contribuir para a construção do sentimento de pertencimento. Portanto, o brincar não apenas reflete a cultura, mas também a recria, produzindo sentidos que atravessam a infância e o ser criança. Representando também, nesse contexto, em suas manifestações e nas diversas formas do brincar, aquilo que a criança ouviu, aprendeu, acredita e assimilou a partir de sua visão de mundo, em um processo contínuo de construção, desconstrução e reconstrução de identidade.

No contexto brasileiro, marcado por desigualdades históricas e pelo racismo estrutural, as práticas educativas relacionadas ao brincar não são neutras e carregam marcas de intencionalidade, crença e preconceito. Um contexto em que a ausência ou a marginalização de brincadeiras, narrativas e referências culturais afro-brasileiras contribui para a reprodução da invisibilização, especialmente no que se refere às infâncias negras. Nesse sentido, valorizar o brincar de matriz africana e afro-brasileira representa uma estratégia pedagógica e política de enfrentamento às hierarquias culturais e às desigualdades raciais.



A educação antirracista, conforme apontam Gomes (2017), Silva (2018) e Munanga (2005), exige ações que promovam o reconhecimento positivo das identidades negras, rompendo com estereótipos e discursos que historicamente inferiorizaram a cultura afro-brasileira. Inserir o brincar como prática educativa antirracista implica reconhecer as crianças como sujeitos de cultura, capazes de produzir saberes, construir memórias e enfrentar ou perpetuar essas hierarquias culturais desde a infância.

Nesse processo, a escuta e a mediação assumem um papel central. Ao criar espaços, a exemplo das oficinas desenvolvidas, de diálogo, acolhimento, respeito, valorização e trocas, torna-se possível que as crianças expressem suas narrativas e experiências, fortalecendo e ampliando a circulação de vozes, por vezes demais silenciadas no ambiente educativo.

Portanto, a compreensão de que a valorização da cultura afro-brasileira não deve ocorrer de forma pontual ou meramente comemorativa, mas integrar de modo permanente as práticas pedagógicas e extensionistas, em todos os ambientes educacionais e em todas as oportunidades possíveis, sustenta a proposta apresentada neste relato de experiência, fundamentando as escolhas metodológicas e as ações desenvolvidas.

### **Percurso metodológico**

O presente trabalho consiste em um relato de experiência de natureza qualitativa, desenvolvido no âmbito de ações vinculadas à XXI Semana da Educação da Pertença Afro-Brasileira, realizada na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), *campus* de Jequié, no estado da Bahia. A experiência descrita refere-se a duas oficinas desenvolvidas durante o evento, intituladas “Memórias do brincar: saberes afro-brasileiros na infância” e “Cores, Corpo, Ritmo e Memória”, realizadas no dia 19 de novembro, com duração aproximada de duas horas, no turno vespertino.

As oficinas foram planejadas e executadas por integrantes vinculados à Universidade, em diálogo com os princípios da extensão universitária, compreendida como espaço de interação dialógica, produção de saberes e compromisso social. O público participante foi composto por crianças do Ensino Fundamental I, acompanhadas por educadores e mediadores,



em um ambiente aberto à participação ativa, à escuta e à expressão das experiências infantis. A metodologia adotada fundamentou-se em práticas lúdicas, participativas e culturalmente situadas, organizadas em diferentes momentos articulados entre si.

Inicialmente, na oficina *Memórias do brincar: saberes afro-brasileiros na infância*, realizou-se um acolhimento lúdico, com músicas e cantigas de matriz africana e afro-brasileira, criando um ambiente sensível e afetivo para recepção das crianças. Nesse momento, também foi realizada uma pintura corporal com símbolos Adinkra, que são símbolos visuais e ideogramas originários do povo Akan (especialmente Ashanti) de Gana, Burkina Faso e Togo, na África Ocidental, que representam conceitos filosóficos, provérbios, valores morais e normas sociais compreendidos como elementos visuais que expressam valores, memória e pertencimento cultural (Veloso, 2022).

Em seguida, desenvolveu-se uma roda de conversa mediada, na qual as crianças foram convidadas a se apresentar e a compartilhar uma memória relatando sua brincadeira favorita. Esse momento teve como objetivo valorizar as narrativas infantis e reconhecer o brincar como experiência significativa na constituição das infâncias.

A oficina contou, ainda, com a contação de história afrocentrada, com destaque para uma narrativa que apresentou princesas negras, personagens que rompem com estereótipos eurocêntricos, promovendo identificação e ampliação de repertórios culturais por meio da obra infantil “Princesas Negras”, de Edileuza Penha de Souza e Ariane Celestino Meireles. A mediação buscou provocar reflexões por meio de perguntas sobre as princesas que as crianças conheciam dos filmes, histórias e suas características, incentivando-as a relacionar as narrativas com suas próprias vivências e a refletir sobre a realidade.

Na etapa seguinte, foram apresentadas imagens e explicações sobre brincadeiras de matriz africana e afro-brasileira, como cabra-cega, *mbube mbube* (leão), terra-mar e as bonecas Abayomi, que são confeccionadas com retalhos de pano, pretas, pequenas e sem costura (feitas com nós), criadas na década de 1980 com o propósito de valorizar a cultura afro-brasileira. Essas bonecas simbolizam resistência e afeto, sendo frequentemente associadas à narrativa de mães escravizadas que utilizavam retalhos de suas saias para acalantar seus filhos, confeccionando-as de forma artesanal. Posteriormente, as crianças participaram da vivência



prática das brincadeiras, organizadas em roda, favorecendo a experiência corporal, coletiva e simbólica do brincar.

O encerramento da oficina ocorreu com um momento de partilha e reflexão, no qual as crianças foram convidadas a expressar sentimentos, preferências e aprendizagens decorrentes da experiência. Como lembrança simbólica, foram disponibilizadas bonecas Abayomi e desenhos de símbolos Adinkra para colorir, reforçando a dimensão afetiva e cultural da ação. As atividades foram conduzidas, ao longo de todo o processo, de forma dialogada, articulando curiosidade, interação, saberes prévios das crianças e o reconhecimento da ancestralidade.

A segunda oficina, intitulada “Cores, Corpo, Ritmo e Memória”, foi desenvolvida a partir de uma proposta lúdica e culturalmente situada, organizada em três momentos interdependentes, que articularam expressão estética, corporalidade, ancestralidade e construção de memórias na infância.

A oficina teve como eixo o brincar como linguagem da infância e prática de valorização da cultura afro-brasileira, compreendendo as crianças como sujeitos de cultura, memória e saberes. A atividade foi realizada com crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, favorecendo a escuta, a participação ativa e a troca de experiências, em um contexto extensionista, durante a XXI Semana da Educação da Pertença Afro-Brasileira, na UESB – *campus* Jequié.

O primeiro momento, denominado *Cores*, teve como foco a dimensão simbólica e cultural das cores enquanto elementos constitutivos da identidade e da imaginação infantil. A acolhida ocorreu por meio de música e dança, criando um ambiente afetivo e coletivo, seguido da organização das crianças em um grande círculo, espaço de diálogo e escuta.

Em seguida, realizou-se a leitura dialogada da obra infantil “Obax” (Neves, 2010), que possibilitou reflexões sobre pertencimento, identidade, imaginação e valorização da cultura africana. A atividade dinâmica consistiu na construção coletiva de uma árvore, por meio da colagem de galhos secos e folhagens, organizada em grupos, favorecendo a expressão criativa e a relação entre as cores, a narrativa do livro e as experiências das crianças.

O segundo momento, intitulado *Corpo e ritmo*, buscou trabalhar o corpo como território de expressão, comunicação e memória. Inicialmente, promoveu-se uma conversa sobre os sons

e barulhos produzidos pelo próprio corpo, explorando palmas, batidas dos pés e estalos de dedos, organizados em sequências rítmicas coletivas.

Essa vivência permitiu às crianças perceberem o ritmo como elemento presente no cotidiano e nas culturas afro-brasileiras, reforçando a corporeidade como linguagem do brincar. Como atividade dinâmica, as crianças confeccionaram bonecos de graveto articulados, simbolizando o movimento do corpo humano e reforçando a compreensão de que o corpo brinca, comunica e carrega histórias.

O terceiro momento, denominado *Memória*, teve como objetivo refletir sobre a importância das lembranças e das experiências que marcam a vida das crianças. A partir de uma conversa mediada, abordou-se a memória como elemento fundamental na construção da identidade individual e coletiva. Como atividade simbólica, foram distribuídos papéis em formato de flor, nos quais cada criança registrou, com o apoio dos mediadores, quando necessário, uma memória significativa de sua vivência. Posteriormente, as flores foram colocadas em um recipiente com água, permitindo que se abrissem diante das crianças, simbolizando o desabrochar das memórias, das histórias e das experiências compartilhadas.

Ao longo de toda a oficina, as atividades foram conduzidas de forma dialógica, valorizando a escuta sensível, a participação ativa das crianças e o reconhecimento de suas narrativas. A proposta metodológica buscou integrar o brincar, o lúdico, o corpo, a memória e a cultura afro-brasileira como elementos indissociáveis na construção de experiências educativas significativas e comprometidas com uma prática antirracista desde a infância.

Os registros da experiência foram realizados por meio de observações, fotografias e registros reflexivos sobre o desenvolvimento da oficina, respeitando os princípios éticos e a singularidade das infâncias.

### **O lúdico, o brincar e a cultura: pertencimento na infância**

A experiência desenvolvida evidenciou o brincar como prática potente de valorização da cultura afro-brasileira e de construção de pertencimento na infância, sobretudo pela leveza que o lúdico imprimiu aos momentos de interação. As crianças, que inicialmente se mostraram



tímidas, ao ouvirem as músicas e ao receberem o convite para dançar e brincar, foram se soltando e permitindo-se vivenciar a liberdade própria da infância. Reafirma-se, assim, a potencialidade da brincadeira como espaço de expressão e liberdade, favorecendo a construção de um ambiente acolhedor que possibilitou o reconhecimento de saberes prévios e o fortalecimento do sentimento de pertencimento por parte das crianças, em diferentes momentos das atividades desenvolvidas.

As interações construídas foram bastante enriquecedoras. No primeiro contato, as crianças mostraram-se muito curiosas em relação ao ambiente, às imagens e ao símbolo Adinkra que receberam como pintura de boas-vindas, conforme a Figura 1. Na sequência, estabeleceram intensa interação com as músicas: dançaram, fizeram pedidos de canções e interagiram entre si e com os adultos presentes, como pode ser observado na Figura 2.

### Figuras 1 e 2: O momento da acolhida, pintura e música



Fonte: Acervo das autoras (2025).

Durante a roda de conversa e a contação de história (Figura 3), as interações evidenciaram que as crianças possuíam amplo conhecimento prévio acerca do que estava sendo vivenciado: citaram nomes de princesas negras, de filmes e de histórias; demonstraram reconhecer suas características enquanto crianças negras – maioria na turma – e expressaram valorização de si e de seus traços identitários. Além disso, associaram as figuras apresentadas

na roda a si próprias e a pessoas de suas realidades, como mães, irmãs e amigas. Ao final da atividade, concordaram em se denominar princesas e príncipes, afirmando: “somos princesas”.

**Figura 3: O momento da roda**



Fonte: Acervo das autoras (2025).

As interações durante o momento das brincadeiras também foram marcadas pelo conhecimento prévio das atividades escolhidas. Um momento permeado por muitas risadas, em que as brincadeiras se tornaram o ponto alto da oficina, evidenciando a importância do brincar na construção de memórias, na ampliação da consciência e na produção de experiências significativas. Observamos que a aprendizagem se torna mais leve quando acompanhada do lúdico que se configura como uma linguagem potente da infância, favorecendo a construção de sentidos e as trocas entre as crianças.

Todas as crianças acolheram as propostas e demonstraram grande entusiasmo pelas brincadeiras, todas queriam participar e aguardavam sua vez de ser a cabra-cega (Figura 4) ou o leão. Em nenhum momento houve dificuldade ou recusa em integrar-se às atividades. Tal envolvimento evidencia que a dimensão teórica, ao apresentar a história das brincadeiras, foi importante; contudo, a vivência prática, as interações estabelecidas, a leveza do processo, bem como a disposição em compreender as regras e participar ativamente, mostraram-se como um momento especialmente rico, representando um acréscimo significativo ao processo de aprendizagem.

**Figura 4: O momento do brincar, cabra-cega**



Fonte: Acervo das autoras (2025).

Em sua grande maioria, as crianças já conheciam as bonecas abayomis (Figura 5) e sua história, além de teceram elogios às bonecas presentes no espaço, demonstrando satisfação ao recebê-las como lembrança daquele momento. Tal aspecto revela-se significativo, sobretudo se considerarmos que, tradicional e historicamente, as bonecas socialmente reconhecidas como “bonitas” seguem um padrão estético distante do que as abayomis são e representam. Essa reação das crianças sinaliza uma possível transformação de pensamento, especialmente no que se refere à representação negra em brinquedos e às concepções de beleza culturalmente construídas, historicamente hierarquizadas e majoritariamente associadas à branquitude.

**Figura 5: O momento das bonecas, Abayomis**



Fonte: Acervo das autoras (2025).

O acolhimento inicial, realizado por meio de músicas, cantigas e pintura corporal com símbolos Adinkra, configurou-se como um dispositivo simbólico de inserção das crianças em um espaço culturalmente situado. Os símbolos, apresentados de forma acessível e lúdica, possibilitaram o contato com valores como ancestralidade, memória e coletividade, favorecendo a criação de vínculos afetivos e o reconhecimento do pertencimento a um grupo. Esse movimento dialoga com a compreensão de que a cultura se constrói a partir da experiência vivida e compartilhada, especialmente na infância, conforme Kishimoto (2011), ao enfatizar o papel das práticas lúdicas na constituição de sentidos e na formação cultural das crianças.

A roda de conversa e a dinâmica desenvolvida evidenciaram a importância da escuta como princípio ético e pedagógico. Ao serem convidadas a falar sobre suas brincadeiras favoritas e memórias do brincar, as crianças puderam expressar suas narrativas, sentimentos e experiências, reafirmando-se como sujeitos de fala. Esse espaço de escuta reconhece a interação, o brincar e a palavra infantil como formas legítimas de produção de sentido.

Durante a mediação, as crianças estabeleceram relações entre as narrativas e suas próprias vivências, reconhecendo semelhanças físicas, culturais e afetivas. Esse processo reforça a importância da representatividade positiva na construção da identidade e da autoestima, especialmente para crianças negras, historicamente atravessadas por processos de estigmatização e invisibilização, conforme discutem Gomes (2017) e Munanga (2013).

A apresentação e vivência de brincadeiras de matriz africana, como *cabra-cega*, *mbube mbube* (leão) e *terra-mar*, possibilitaram experiências corporais e coletivas marcadas pela

226



cooperação, pelo riso e pela interação. Ao contextualizar a origem dessas brincadeiras e relacioná-las à ancestralidade africana, foi possível contribuir para o reconhecimento de que a cultura afro-brasileira está presente no cotidiano das crianças, ainda que, muitas vezes, não seja nomeada ou valorizada. Por fim, a entrega simbólica das bonecas Abayomi também se destacou como um momento de forte carga afetiva e pedagógica, reforçando os sentidos construídos ao longo da vivência e consolidando a experiência como espaço de valorização cultural e identitária.

Ao (re)conhecerem o significado dessas bonecas, associadas à resistência, ao cuidado e à ancestralidade africana, as crianças tiveram contato com narrativas históricas que ressignificam a cultura negra como fonte de saber, força e pertencimento. Tal movimento contribui para a consolidação de uma pedagogia do reconhecimento, que valoriza a memória coletiva e afirma identidades historicamente marginalizadas, de acordo com Gomes (2017), ao enfatizar a centralidade da valorização cultural na construção de identidades positivas.

### **Brincar, corpo e memória na oficina “Cores, Corpo, Ritmo e Memória”**

Em consonância com as experiências vivenciadas nas demais oficinas, a oficina “Cores, Corpo, Ritmo e Memória”, desenvolvida como a segunda ação do conjunto de atividades extensionistas realizadas com crianças do 3º ano do Ensino Fundamental, aprofundou a compreensão do brincar como prática cultural, corporal e simbólica. Desde o momento da acolhida, marcada pela música, pela dança e pela organização em roda, foi possível observar o engajamento progressivo das crianças, que passaram a ocupar o espaço de forma ativa, curiosa e participativa, assumindo protagonismo nas interações e nas experiências propostas.

**Figura 6: Crianças no momento de escuta da história do livro “Obax”**



Fonte: Acervo das autoras (2025).

Tal movimento reforça a compreensão defendida pela Sociologia da Infância, especialmente por Sarmiento (2005), ao reconhecer as crianças como sujeitos sociais competentes, produtores de cultura e capazes de atribuir sentidos próprios às experiências vividas. Ao longo da oficina, evidenciaram a agência, a autonomia e a capacidade de ressignificação, elementos também destacados por Corsaro (2011) ao tratar da reprodução interpretativa das culturas infantis, conceito que sublinha o papel ativo das crianças na apropriação, recriação e transformação das práticas sociais.

No primeiro momento da oficina, centrado nas cores, a leitura dialogada da obra *Obax* (Neves, 2010) possibilitou a ampliação do imaginário e a identificação com narrativas afrocentradas. As crianças relacionaram a história às suas próprias vivências, comentaram as imagens, as cores e os sentimentos despertados pela narrativa, reafirmando o papel das linguagens simbólicas na expressão infantil (Sarmiento, 2011). A atividade coletiva de construção da árvore revelou práticas de cooperação, negociação e criação compartilhada, evidenciando a produção de culturas de pares (Corsaro, 2011).

**Figura 7: Crianças construindo, coletivamente, a própria árvore “Obax”**



Fonte: Acervo das autoras (2025).

O segundo momento, dedicado ao corpo e ao ritmo, mobilizou experiências corporais marcadas pelo riso, pela atenção e pelo envolvimento coletivo. Ao explorarem os sons produzidos pelo próprio corpo, as crianças reconheceram o ritmo como linguagem e o corpo como território de expressão e memória. Essa vivência dialoga com Gomes (2017), ao afirmar o corpo negro como espaço de resistência, ancestralidade e produção cultural. A confecção dos bonecos de graveto possibilitou a projeção simbólica das crianças em seus brinquedos, fortalecendo a imaginação, a identificação e a atribuição de sentidos às próprias criações, em um movimento que articula ludicidade, autoria e pertencimento cultural.

No terceiro momento, centrado na memória, as crianças foram convidadas a compartilhar lembranças significativas de suas vidas, produzindo narrativas afetivas que revelaram experiências familiares, comunitárias e cotidianas. O gesto simbólico de observar as flores desabrocharem na água constituiu-se como uma metáfora potente da memória entendida como algo vivo, em constante construção e partilhado coletivamente. A escuta dessas narrativas reafirmou a importância de reconhecer as crianças como sujeitos históricos, cujas experiências e memórias merecem espaço e legitimação (Sarmiento, 2005).

Assim, a oficina “Cores, Corpo, Ritmo e Memória” reafirmou, de modo complementar às demais ações desenvolvidas, que o brincar, quando intencionalmente mediado e culturalmente situado, constitui-se como prática educativa antirracista, capaz de promover o pertencimento, o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira na infância. Ao longo das oficinas, foi possível observar que as crianças responderam de forma ativa e engajada às propostas, especialmente nos momentos de roda, de contação de história e de vivência das brincadeiras de matriz africana, demonstrando curiosidade, envolvimento corporal e abertura para o diálogo.

De modo geral, os resultados indicam que o brincar, quando articulado a práticas intencionalmente comprometidas com a valorização da cultura afro-brasileira, favorece a construção de experiências educativas significativas, capazes de promover pertencimento, memória e reconhecimento cultural desde a infância. Nesse sentido, a experiência reafirma o papel da educação e da extensão universitária como espaços privilegiados de diálogo entre saberes acadêmicos e populares, fortalecendo ações educativas antirracistas e ampliando a função social da universidade.

### **Considerações finais**

Este relato de experiência buscou refletir sobre o brincar e o lúdico como práticas de valorização da cultura afro-brasileira na infância, a partir de oficinas desenvolvidas no contexto da XXI Semana da Educação da Pertença Afro-Brasileira, realizada na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – *campus* de Jequié. As ações realizadas evidenciaram que o brincar e as práticas lúdicas, quando mediados de forma intencional e culturalmente situada, constituem-se como linguagens potentes para a construção de pertencimento, memória e reconhecimento cultural.

As oficinas possibilitaram às crianças vivências que articularam corpo, narrativa, ancestralidade e coletividade, favorecendo a expressão, o fortalecimento de vínculos e a ampliação do repertório cultural. Observou-se que práticas que valorizam brincadeiras, histórias e símbolos de matriz afro-brasileira contribuem para experiências de identificação



positiva, especialmente entre crianças negras, reafirmando o brincar como dimensão educativa e política.

A experiência reforça o papel da universidade como espaço de diálogo e compromisso social, ao articular saberes acadêmicos e comunitários na promoção de práticas educativas antirracistas. Portanto, conclui-se que a valorização da cultura afro-brasileira por meio do brincar deve integrar, de forma contínua, as práticas educativas desde a infância, contribuindo para a construção de infâncias plurais, respeitosas e conscientes de sua pertença cultural.

## Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: CNE/CP, 2004.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da educação básica a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CARDOSO, Marilete Calegari; ROCHA, Amanda Queiroz; SILVA, Luana Sena da. Brincologias e criação na formação docente: a natureza como promotora de um brincar sustentável. **Revista Extensão & Cidadania**, v. 13, n. 23, p. 59–75, 2025. DOI: 10.22481/recuesb.v13i23.17006. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/recuesb/article/view/17006> Acesso em: 17 fev. 2026.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NEVES, André. **Obax**. São Paulo: Brinque-Book, 2010.



SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. *In*: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (Org.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SILVA, Andressa Queiroz da; COSTA, Rosilene Silva da. Educação antirracista é educação transformadora: uma análise da efetividade da lei nº 10.639/03. **Revista Em Favor de Igualdade Racial**, v. 1, n. 1, p. 17–35, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/1993>. Acesso em: 3 fev. 2026.

VELOSO, Abraão. **Tecnologia ancestral africana**: símbolos Adinkra. Espaço do Conhecimento UFMG, 16 ago. 2022. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/blog-espaco/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra/>. Acesso em: 29 jan. 2026.

Recebido: 17.02.2026

Aceito: 10.03.2026

Publicado: 17.03.2026



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)



**Revista Extensão & Cidadania**, v. 13, n. 24, p. 214-232, jul./dez. 2025.

DOI: <https://doi.org/10.22481/recuesb.v13i24.18808>

ISSN 2319-0566